

## A CAÇA AOS VOTOS

Está o *Seculo* convertido em manifesto eleitoral. O *Seculo* das antigas tradições populares, pede o voto, sabe para quem? Para as forças-vivas. Para os assambarcadores, para os homens da finança, para os especuladores do povo.

Tudo isto é feito com o ar de prestar um grande serviço à indústria, à agricultura, ao comércio, quando se não trata, afinal, senão de prestar um serviço aos exploradores que assambarcaram a indústria, a agricultura e o comércio, e de tudo isso se aproveitam em quase seu exclusivo proveito. A indústria é a vergonha que todos nós sabemos, porque o patronato quer apenas ganhar e não gasta um pâco com a renovação da maquinaria, queixando-se da exiguidade de produção que ele atribui as 8 horas de trabalho e que é em regra devida ao antiquado do material empregado. A agricultura manifesta-se pela riquesa em baldios, em terras incultas, porque os detentores do terreno impedem que ele seja trabalhado para não baratear os produtos. O comércio é a ladroeira que todos nós conhecemos, por sermos todos as suas vítimas.

Quem é que está disposto a dar o seu voto a tóda esta súcia de especuladores? Quem terá o descôco de ir contribuir para a eleição do banqueiro A, ao qual se deve a especulação cambial e a baixa do escudo, ou para a eleição do industrial B, que enriqueceu durante a guerra e hoje faz pressão sobre os operários para lhes reduzir o salário, ou para a eleição do proprietário agrícola C, que dispõe de grandes latifúndios no Alentejo, cuja cultura ele impede, explorando na parte cultivada os trabalhadores rurais e fazendo intervir constantemente a guarda republicana quando elas reclamam melhoria de situação, ou, finalmente, para a eleição do comerciante D, que tanto se evidenciou na alta dos preços, acusando a República da cestaria da vida por causa da baixa de câmbio e que agora se recusa a descer os preços a pesar da alta cambial?

Por mais que o *Seculo* badale no sino grande, proclamando ao público a conveniência de dar o seu voto aos donos da mesma gazeta, ninguém já acredita nisso. De facto só votarão com as forças-vivas os cúmplices ou os inconscientes, ou quando não inconscientes os miseráveis sem independência moral que se encontram enfeudados a essa gente.

E o *Seculo*, mantendo esta ignobil campanha eleitoral, não faz senão renegar mais uma vez o seu passado, colocando-se contra os interesses do povo ao lado dos homens de que depende monetariamente.

Que miséria moral que tudo isto é...

**A lista sangrenta do Rifi**

### Números que convém relembrar

Nesta ocasião, em que Primo de Rivera se está preparando — segundo nos informam — para sacrificar um novo exército na região do Rifi, será bom lembrar o número de baixas que custou a célebre retirada estratégica de 1924. Os seguintes números, números oficiais, ainda estão longe da verdade. Foram tirados do "Boletim Oficial do Ministério da Guerra":

O número de oficiais (incluindo um general) que morreram de Junho a Dezembro de 1924 atinge 190. Faltou a esta total os desaparecidos, cujo número se calcula ser sessenta, pouco mais ou menos. Segundo a proposta oficial, a esta quantidade de mortos deve corresponder uns 700 feridos.

No que diz respeito aos soldados, morreram nessa retirada 3.800 homens e houve 14.000 feridos.

Segundo os dados recolhidos, sempre incompletos, calcula-se em 2.500 o número desaparecidos.

Na lista sangrenta de Primo de Rivera consta, no entanto, menos de 21.250 homens perdidos numa só retirada...

### Morte de um diplomata italiano

ROMA, 13. — Os jornais referem-se à morte do diplomata italiano sr. Levy. O sr. Levy foi encontrado próximo da linha de ferro do Colongo próximo de Lyon. Supõe-se que caiu da pontinha do expresso, havendo também quem suspeite que a sua morte foi devida a um crime.

**O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"**

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

## É PRECISO AGIR E QUANTO ANTES contra a projectada ditadura reaccionária e económica que as "forças vivas" planejam

A ação do operariado contra a planeada dominação reaccionária, a que visam as "forças vivas", tem que ter mais vigor e continuidade. A não ser assim, o facto anunciado pode vir a registrar-se e então os seus efeitos serão peores para o operariado e para os homens de ideias desempenhadas que o acompanham nos seus protestos.

Nos últimos dias os boatos de revolução conservadora voltaram a ser assunto de todas as conversas e esta revolução, que é apenas um assalto ao poder, como tantas vezes tem acontecido, diz-se que é obra dos reaccionários. Já se sabe o que eles pretendem, pelo menos os seus órgãos na imprensa, com o *Seculo* à frente, têm-nos dito clara e inconfundivelmente. Portanto, a atitude do operariado, alias já demarcada, tem de ser inconfundível e decidida.

Já aqui foi dito e não é demais repeti-lo: o operariado lutando contra a reacção política, por intermédio da sua Organização, não faz polémica de compadrio, nem se coloca no terreno dessa baixa política, mas, se política há neste caso ela é lógica e humana, visto que o seu objectivo é impedir que as péssimas condições económicas e morais em que se vive, sejam substituídas por outras muitíssimo piores, como no-lo dão a entender, claramente, as afirmações dos que manejam na sombra.

Porque, sabe-se muito bem, as "forças vivas" — que, pela situação a que foram levadas na sua ambição, são forças reaccionárias — não pretendem a existência de mais liberdade e de mais bem-estar; elas querem, precisamente, liquidar as possibilidades que existem de o povo explorado reclamar mais liberdade e mais bem-estar, o que as irrita visto entenderem dever regular a vida do trabalhador, moral e economicamente, a seu belo-prazer e conveniência.

Os seus órgãos na imprensa gritam e barafustam, que não é sua intenção cercar liberdades e regalias, mas já sabemos que é uma manobra hipócrita de encobrir a velhaca intenção que as anima e que se traduzem nos incitamentos constantes ao estabelecimento de governos de força. Governo de força para quê?

Para meter na ordem as próprias forças vivas que, afirmam-se, ordeiam desorganizar a moral procedendo criminosa e egoisticamente nas suas relações com o povo quando adulteram e especulam com os gêneros de que este necessita?

Para obrigar as "forças vivas" a restituir à colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Os seus órgãos na imprensa gritam e barafustam, que não é sua intenção cercar liberdades e regalias, mas já sabemos que é uma manobra hipócrita de encobrir a velhaca intenção que as anima e que se traduzem nos incitamentos constantes ao estabelecimento de governos de força. Governo de força para quê?

Para meter na ordem as próprias forças vivas que, afirmam-se, ordeiam desorganizar a moral procedendo criminosa e egoisticamente nas suas relações com o povo quando adulteram e especulam com os gêneros de que este necessita?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

Para obter a colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que é necessário para manter o predominio em que elas se apoiam?

&lt;p

em nome do grupo anarquista «O Semeador» diz que a educação é a ferramenta mais eficaz da transformação social. E' ela que precisa de ser humana capaz de exercer na terra o seu efeito social. Os anarquistas viajam a sua missão e ressurgem não podem ser indiferentes. O contacto de energias, ao reavivamento das consciências que se está produzindo no campo educativo. E como várias correntes de opinião se tem exprimido, o mesmo direito assiste à corrente de ideias em que está integrado.

Os anarquistas não são incultos nem desordeiros; tam pouco os ideólogos são culpados de certos contratos morais e suspeitos.

A questão social não se resolve pela bomba arremessada com inconsciência. A violência só é justificável no movimento revolucionário.

Termina lendo um parecer do grupo que representa e no qual se defende uma educação liberta de todos os dogmas e preconceitos. Só se devem ensinar verdades demonstradas. O ensino não pode ser laicado, nem religioso, nem elevado dum pseudo-scientifico.

O sr. Ernesto Coelho declara que a União do Professorado Primário auxiliará este movimento. As reformas da educação só são eficazes quando partem de baixo para cima. As que se efectuam de cima para baixo estão erradas e condenadas inevitavelmente a fracassar. Termina apresentando um documento contendo vários alvitres que, devido à hora adiantada, não podemos reproduzir.

O dr. sr. Andrade Saraiva, da Federação das Cooperativas, afirma que a riqueza da humanidade está na instrução e educação. É necessário aproveitar todos os valores morais e mentais que até à data têm sido desprezados. Combate o egoísmo dos que, possuindo o superfluo, deixam o seu semelhante rebentar de fome.

Júlio Santana, da Juventude Sindicalista, afirma que as Juventudes não são anátemas de bandidos, mas sim escolas destinadas a formar consciências.

A educação deve fazer-se para formar homens para a vida e não anátemas e máquinas de produzir.

As Juventudes têm sido embarcadas na sua acção educativa pela polícia, que por vezes até tem saqueado e destruído as suas bibliotecas. Depois de afirmar que a existência do capitalismo está cimentada na ignorância dos povos, combate a escola religiosa e o seu Deus abstrato, a escola laica e os seus dogmas políticos e patrióticos.

Falam ainda os srs. Ladislau Batalha, que trás ao movimento a adesão da corrente socialista, Joaquim Amâncio Júnior e dr. Reis Santos, que apela para todos os presentes a fim de que se inscrevam na Liga da Ação Educativa.

O dr. sr. Pedro José da Cunha encerra a sessão, acorrendo a assistência em massa a inscrever-se na nova agremiação com tanto entusiasmo fundado.

**NO FORTÉ DE MONSANTO**  
Continuam presos, cujo lugar é no Limeiro

Continuam no forte de Monsanto os presos que, do Limeiro, para ali foram conduzidos.

Este ontem naquele forte o sr. Pestana Júnior, director das cedades civis, tendo dito que só para terça ou quarta-feira iria resolver sobre a volta para a cadeia de onde vieram e onde devem estar.

Não seria já tempo de resolver este assunto, que só uma solução pode ter?

Para o forte de Monsanto só podem ir individuos julgados e condenados, porque se temia em manter ali presos que aguadam julgamento?

**Nacional**  
Repele-se hoje a peça de Jacques Deva, VIVETTE, cuja representação entre nós está sendo um verdadeiro acontecimento.

**SUN-YAT-SEN**

Confirma-se a notícia da sua morte

HONG-KONG, 13. — Confirma-se oficialmente a morte do dr. Sun-Yat-Sen, que se fazia apelidar presidente da República da China do Sul.

As suas últimas vontades

HONG-KONG, 13. — Sun-Yat-Sen, ex-presidente da República da China do Sul, que faleceu recentemente com 62 anos de idade, sofrerá há já bastante tempo de um cancro no fígado. Pediu a sua esposa que o mandasse embalsamar e que encerrasse o seu cadáver num caixão só de seu amigo Lénine e que o fizesse enterrar em Nankin. — (R.)

**PROGRESSOS DA AVIAÇÃO**  
O VOO DE NOTTE

LONDRES, 13. — Sir Philip Sassoon subsecretário da aviação descreveu na Câmara dos Comuns o sistema com que se pretende fazer com que os aeronaves descansem de noite aos aeródromos sem perigo. Rodearam os aeródromos de cabos eléctricos carregados com uma corrente alternada de grande tensão que exercerá influência sobre as bussolas dos aeronaves. — (R.)

LONDRES, 13. — Estão calculadas em 72 milhões esterlinas as despesas com a marinha de guerra no futuro ano económico.

Neste orçamento não está incluída a construção de três cruzadores e dois submarinos e as modificações a introduzir em dois couraçados e seis cruzadores.

No orçamento do ministério da Marinha estão inscritos os créditos destinados à base naval de Singapura. — (R.)

**COLISEU DOS RECREIOS**  
HOJE — às 21 h. (9 da noite) — HOJE

Surpreendente e sensacional espetáculo da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Incomparável êxito da notável artista VRED CARR com a sua interessante fantasia cómica no palco

UMA ENORME CALINHA A POR OVOS

O célebre aleteia LAPENGE

O maior pródigo de força muscular

RICO & ALEX IRMÃOS ALBANOS

Os autênticos reis do gergalhado

O melhor, mais variado e mais barato espetáculo

Entrada, gratuita os círculos até 10 anos

BILHETES A VENDA

**CAFÉ DO COLISEU**

Almoços, lanches e cenas por preços modestos

Concertos por cégos ex-alunos

do Instituto Branco Rodrigues de Faro e à noite

NO REGIME DA CRÂPULA E DA RAPINA

**A sindicância aos réus T. M. E.**

A origem da questão — O afretamento dos navios — O contrato com a Furness

**SR. REDATOR** — Por saber, por experiência feita, que nenhum jorral de Lisboa acharia as preciosas e fidedignas informações que, mercê de circunstâncias especiais, possuam sobre os tão falados escândalos dos Transportes Marítimos do Estado, resolvo bater a sua porta, certo de que v. ma abrirá, tratando-se, como se trata, de pôr em foco uma das proezas mais crupulantes da política, sempre subordinada a interesses particulares inconfessáveis e nunca norteada pelo bem-estar da comunidade. E não dirá v. que estas minhas revelações sobre os T. M. E. vêm já fora de oportunidade, pois, como v. sabe, está a terminar uma sindicância que se arrasta gosotamente para os juízes há três anos e seis meses, e que apenas nos vai iludir que houve empregados que, legal ou ilegalmente, requeiram dous quilos de chourão.

Segundo os vereadores e os anualistas comissionados a cidade está vitoriosa, o Porto está triunfante, o «povo» está integralmente vencedor. A imprensa já concorda, mais desassobiadamente, que é indispensável meter na ordem a Companhia, «obrigando-a a fazer o seu serviço a que está obrigada pelos contratos», já é de parecer que se torna urgente «em acabar com os caprichos dum olimpiano que desde há muito só sabe arrancar a economia citadina, insaciavelmente, as últimas migalhas».

Registe-se para confrontos futuros.

A plataforma apresentada pelo ministro do Interior para que os bilhetes da Câmara tivessem validade até à decisão do Tribunal do Comércio, foi bastante aplaudida pelos anualistas; mas ainda mais aplausos mereceu o prazo de 48 horas dado, em face do Severiano recusar a plataforma sem que ouvisse os seus colegas da pândega cariense, para o que o «Soberano» da Companhia normalizou inteiramente os serviços da viação eléctrica.

Com esta energética postura assumida pelo ministro do Interior, desfaz-se a pessima impressão que à sua volta se levantou: é que nós ouvimos, em alguns grupos de anualistas, palavras de dúvida sobre o referido ministro, desconfiando-se que ele era aparentado com o Severiano: como se não decidisse claramente, era indispensável desmascará-lo.

Até quando esta «normalização»?

**Uma grande manifestação contra a Carris**

A manifestação que antecedeu-se devia realizar de apoio à Câmara, só ontem é que teve lugar pelas 17 horas, na sala das sessões do Senado. De simples manifestação, passou a um comício de ruídos protesto de ruidosas afirmações: a assembleia, pela boca de um orador rubramente aplaudido, declarou estar disposta até ao último sacrifício, até à luta violenta, para que a honra e o brio da cidade fique inacaudado.

Tomados os navios nessa data por uma imposição violenta da banca inglesa, cujo número de navios diminuiu sensivelmente, o povo português deu os seus filhos para a chacina no mar e em terra e agravou a sua fome, que mais vinte e três milhões de libras, que tantos são os que devemos à nossa famosa aliada, que nos exigiu o sacrifício e agora nos exige o dinheiro.

E como foram levados esses navios?

Os alemães tinham feito grande «sabotagem» nas máquinas e as suas reparações, bem como a sua limpeza em doca e pinturas, foram feitas de conta do tesouro português, que nada recebeu por essa enorme despesa.

E inutil frizar que este facto gravíssimo não está apurado pelos sindicatos, que andam às ordens dos que os nomearam e ilhes pagam.

Os governos de Portugal envergaram os navios exameles de «mão beijada à banca inglesa, e neles meteram os filhos do povo para irem arriscar, e perder a vida, para a sua maior conveniência.

Os navios seguiram, é verdade afretados, mas por um preço mínimo, ridículo e até vexatório, pois foram entregues à razão de 14 schilling e seis pence por tonelada e por mês, para serem logo refretrados a 65 schillings pelo afretador Furness.

**Por aqui e que qualquer sindicante — com vontade de sindicar — principiaria. Não precisa apelar para os sete sábios da Grécia.**

Esta foi uma das importantes asseverações feitas no comício-manifestação efectuado ontem nos paços do concelho...

Ora a corroborar esta afirmação, temos esta significativa passagem de um manifesto que ontem se distribuiu profusamente na Câmara Municipal:

«Essa concessão — a cláusula 24.º — feita à cidade está à guarda da cidade, e esta só a perderá quando já não houver tripéiros, ou quando no Porto não haja senão oficiais de diligências e juízes integrármelos com todos a fitarada vivendo das receitas da Companhia».

Não fui também eu salientada uma semelhante na guerra, que esta a maior fraude dos T. M. E. e certamente para apurarem os muitos cuidados estes números, que os sindicatos têm gasto os tais três anos e meio à razão de sessenta escudos por dia cada um.

E uso antigo destes senhores, fazerem as grandes carapatas e depois pagarem a outras — à custa do país — para fazerem muito barulho de um lado contra os pequenos, enquanto os grandes se escapam por outro lado.

onde está o contrato com a Furness? Para onde foi o dinheiro dos afretamentos?

Quem fez esse contrato?

Foi bom ou mau para o país?

Respondam senhores juízes sindicantes. Iam tomar o depoimento do grande estadista e o dos seus sócios e protegidos?

São as respostas a estas perguntas, a que os srs. sindicatos não são capazes de responder, que se propõe dar ao público se lhe consentir, como espera, o de v. etc. — H. F. Rozado.

**PRO-PAZ...**

SOFIA, 13. — A conferência dos embaixadores autorizou o aumento do exército bulgar em 4.000 homens para fazer face a qualquer movimento dos comunistas. — (R.)

**Os envenenadores**

Alvaro de Almeida Costa veio mostrar-nos um pedaço de carne em péssimo estado de conservação que adquiriu no falso de Rodrigo Luís, na rua Pr. residenc. Arriaga, 8.

E esta gente que o Sento defende...

**PRO-PAZ...**

SOFIA, 13. — A conferência dos embaixadores autorizou o aumento do exército bulgar em 4.000 homens para fazer face a qualquer movimento dos comunistas. — (R.)

**Um inventor desesperado**

incentideia a sua casa e suicida-se com a esposa

LONDRES, 13. — Um francês naturalizado inglês, tendo falhado as experiências feitas com um motor em que trabalhava há muitos anos, fechou-se com sua esposa no seu quarto depois de ter largado fogo à casa. Os bombeiros encontraram os dois corpos, meio carbonizados e com feridas produzidas por balas de revolver. — (R.)

O vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara asseverou a vitória da cidade, definitiva, completa.

Todavia, o sr. Júlio Gomes dos Santos terminou o seu discurso, exteriorizando a sua confiança na vitória final da cidade.

E o comício, isto é, a manifestação terminou aos vivas à Câmara, ao Porto, aos vereadores — depois dos costumeiros elogios míticos aos sacrifícios reciprocos...

**Mais uma manobra do Severiano?**

Agora corre o boato de que o pensamento do Severiano é preparar as coisas de molde a que a Carris passe a uma Companhia americana, ficando ele a ser um dos principais acionistas — ficando a ser sempre o diabo o jure...

Terá alguma relação com o boato mais esta passagem do manifesto já referido:

«Todos sabem que a Companhia só busca um fim — libertar-se da autoridade da Câmara Municipal para ficar em campo com a plenitude dos meios de ação para garantir

CARTA DO PORTO

**A Câmara, a Carris e os anualistas em luta**

A cidade defende-se com brio, produzindo ruidosas manifestações contra o poder do potentado

PORTO, 13. — Os anualistas andam radicantes e contentamento. Dois motivos contribuem para isso: a declaração perentória feita pelos vereadores e os anualistas que vieram de Lisboa e a atitude franca, agora sem tergiversações e sem nebulosidades, tomada pela imprensa contra a Carris.

Segundo os vereadores e os anualistas comissionados a cidade está vitoriosa, o Porto está triunfante, o «povo» está integralmente vencedor.

1.º Que na acta seja lavrado o protesto de intensa repulsa e elevada indignação pelo traçoamento espancamento de que foram vítimas indefesas — alguns municípios, por parte dos empregados da Companhia Carris, a dentro, duma dependência, da mesma Companhia;

2.º Protestar energicamente contra o procedimento desse sr. oficial de engenharia que vai de encontro a todas as normas disciplinares, redundando, simultaneamente, em desprestígio da autoridade, e que desta deliberação se dê conhecimento ao seu comandante da divisão, ministro do Interior.

A plataforma apresentada pelo ministro do Interior para que os bilhetes da Câmara tivessem validade até à decisão do Tribunal do Comércio, foi bastante aplaudida pelos anualistas; mas ainda mais aplausos mereceu o prazo de 48 horas dado, em face do Severiano recusar a plataforma sem que ouvisse os seus colegas da pândega cariense, para o que o «Soberano» da Companhia normalizou inteiramente os serviços da viação eléctrica.

Com esta energética postura assumida pelo ministro do Interior, desfaz-se a pessima impressão que à sua volta se levantou: é que nós ouvimos, em alguns grupos de anualistas, palavras de dúvida sobre o referido ministro, desconfiando-se que ele era aparentado com o Severiano: como se não decidisse claramente, era indispensável desmascará-lo.

Até quando esta «normalização»?

**A Câmara querer rescindir o contrato**

Na sessão do Senado foi aprovada uma moção, já aprovada na Comissão Executiva que conclui assim:

1.º Que na acta seja lavrado o protesto de intensa repulsa e elevada indignação pelo traçoamento espancamento de que foram vítimas indefesas — alguns municípios, por parte dos empregados da Companhia Carris, a dentro, duma dependência

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	13	20	27	Desaparece às 17,44	
S.	14	21	28		
D.	15	22	29		
S.	16	23	30		
T.	17	24	31		

## MARES DE HOJE

Praiamar às 5,20 e às 5,38

Baixamar às 10,50 e às 11,08

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	98,50	99,50
Londres, cheque	12,00	12,07
Paris	32,99	33,05
Suica	32,91	32,95
Belgica	32,84	32,85
Italia	32,97	32,93
Holanda	29,63	29,65
Madrid	29,68	29,70
New-York	29,78	29,80
Brasil	29,28	29,30
Noruega	29,17	29,20
Suecia	29,04	29,06
Dinamarca	29,72	29,75
Praga	36,1	36,2
Buenos Aires	32,00	32,40
Viena (shilling)	2,50	2,50
Reinmarkos ouro	28,46	28,48
Agro do ouro	28,30	28,40
Liras ouro	102,00	110,00

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Teatro Carlos - A's 21,30 - "Ninho de Aguia";  
Teatro Círculo - A's 21,30 - "Vivela Alegria";  
Teatro Regional - A's 21,30 - "Vivela";  
Teatro Trindade - A's 21,30 - "All of a Sudden Peggy";  
Teatro Politeama - A's 21 - "A Massacra";  
Teatro Epolo - A's 21,15 - "Mola Real";  
Teatro Frei - A's 21,15 - "O João Ratão";  
Teatro Eden - A's 21,15 - "Fruto Proibido";  
Teatro Juvenil - A's 21,30 - "Irmaos"; e "A Cidadela";  
Teatro Maria Vitoria - A's 20,30 e 22,30 - "O Sonho Dourado";  
Teatro das Recreios - A's 21 - "Companhia de círcos";  
Teatro São José - 20,30 - "Variedades";  
Teatro Vidente (A Graca) - A's 20 - "Animatógrafo";  
Teatro Braga - Todas as noites - "Concertos e divertimentos";  
CINEMAS

Olimpia - Chão Terrasse - Salão Central - Cinema  
Cedros - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Cine Páris - Cine Esmeralda - Chanteler - Tivoli - Tortoise - Gil Vicente.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálica Auer, assim como rodas ócias e molas, tubos, molas, chaminés de 2 e 5 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E) na casa que fornece em melhores condições.

## LIMAS

As melhores são da "União", Tomé, Viana, Vila de Leiria. Pedir em todas as lojas de ferragens. Em preços e têm perfeita rivalidade com os melhores marcas internacionais.

Fedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa srs. Ferreira & C. Ltda - Calçada do Marquês de Abrantes, 138 - Telef. C. 1502

Ler o Suplemento de A BATALHA

AS MELHORES MEIAS  
MAIS RESISTENTES E MAIS BARATAS, são as das Sapateiros, 70, 2º.

MENINAS e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de corteira para mais clara, podem fazê-lo comprando um tubo do alamado Descorante "Lipis" tingindo-os depois na corteira que desejarem com as anilinas "WIKI-WIKI".

Cada tubo indica em português a maneira de usá-lo.

Este descorante, assim como as anilinas "WIKI-WIKI", encontram-se à venda em todas as boas drogarias de Portugal e no depósito geral:

Rua da Madalena, 113, 2º.

TELEFONE C. 5507

Sampaio & Rodrigues

conta de ti e de teu filho. Era para mim uma fortuna inesperada, acrescentou Joana, acreditei nas suas palavras e seguiu-a até aqui!

— Ai de mim! caiste numa infame traição; querem fazer de ti um brinquedo, replicou Yolanda em voz baixa; não ouvistes estas megeras?

— Pouco me importa isso, sofrerei todas as humilhações, contanto que vistam e deem pão a meu filho, replicou Joana ao mesmo tempo com expressão de coragem e de resignação; oh! sim, tudo sofrerei com a condição de deixarem descansar meu pobre filho durante algum tempo, para que recobre força e saúde! ah! ele agora é para mim duas vezes querido...

— Então perdeste o pai?

— Ficou sem dúvida enterrado na areia, respondeu Joana, e, assim como Colombaik, não pode conter as lágrimas, lembrando-se de Fergan; quando a tromba caiu sobre nós fiquei cega, sufocada, e o meu primeiro movimento foi agarrar em meu filho; senti tremor o chão debaixo dos pés e depois perdi os sentidos.

— Mas como vieste tu ter a esta cidade, pobre mulher? perguntou a rainha das ribaldas, interessada por tanta doçura e resignação, o caminho é longo no meio do deserto.

— Quando recobrei os sentidos, replicou Joana, ahei-me deitada em uma carroça com meu filho, ao lado de um homem velho, que vendia aos cruzados algumas provisões; tinha-se condoido de nós encontrando-nos moribundos e quase enterrados na areia. Meu marido sem dúvida foi morto, porque o velho disse-me que tinha visto outras vítimas em redor de nós, na ocasião em que nos recolheu; desgraçadamente o macho que puchava a carroça desse homem compassivo, morreu de cansaço na distância de dez leguas de Marahala; obrigado a ficar no caminho e a abandonar a caravana dos peregrinos, o nosso protector morreu querendo defender as suas provisões contra os estropiados que lhas queriam roubar; saquearam tudo, mas não nos fizeram mal algum, e seguiram os com receio de nos perdermos; peguei em meu filho ao colo ouan-

## Anilinas Jacobus

A melhor maneira de resistir à alta de preços dos artigos de vestuário, é tingir os fatos e os vestidos com as célebres anilinas JACOBUS, únicas que se podem aplicar com justificada confiança. Todos as preferem por serem as melhores do mundo. Com uma despesa insignificante fica-se com um traje novo, sem ser necessário pagar ao tintureiro preços exorbitantes.

A venda em todas as boas drogarias do continente e ilhas.

DEPOSITO GERAL só por atacado: Sociedade Produtos Químicos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.º - Lisboa.

## CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato  
RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37

## Aos marceneiros

Madeiras secas serradas, ótimas dimensões. Preços sem competidor.

Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.

A. PIRES

Azinha da Torrinha, ao Rêgo

## Madeiras

Taboados 12 palmos. Solho à Portuguesa. Fórro em tóscos e aparelhado. Preços sem competição.

## Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.

## JOIAS

Barreto & Gonçalves, Lda

Ourivesaria e Joalharia. Compram e vendem brincos, pêrolas, prata, ouro, prata, objectos de arte e antiguidades.

TELE. 3759 HORCE

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 17

(Antiga Rua de Santo António) LISBOA

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres

Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando

Narciso - 4 horas.

Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar - 4 horas.

Rins, via urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 0 horas.

Pele e sifilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e 0 horas.

Doenças das ossadas - Dr. R. Loff - 1 hora e meia.

Doenças dos olhos - Dr. Mario de Matos - 2 horas.

Doenças das crianças - Dr. Cordeiro Ferreira - 2 horas.

Gastrite, erisílio e ouvidos - Dr. Mario Oliveira - 12 horas.

Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3 horas.

Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 0 horas.

Prós-dentes - Dr. Armando Lima - 0 horas.

Câncer e rádio - Dr. Cabral de Melo - 0 horas.

Riso X - Dr. José de Pádua - 4 horas.

Analges - Dr. Gabriela Beato - 4 horas.

Analges para a procura.

Camp. dos Mártires da Pátria, 68

— J. FERREIRA (—)

Depósito Geral de Lanifícios

267 Rua das Vaqueiros 1.º, 2.º e 3.º

Venda directa ao público de CHEVIOTES

para 17500 cada metro

e FATOS DE FANTASIA

CALÇADO MAIS BARATO!!!

Só na rua do Comércio, 19 e 21

VER OS PREÇOS MARCADOS NAS MONTRAS!

## Lede o Suplemento de A BATALHA

## Santos &amp; Araújo, Limitada

Por escritura de 16-2-1925 a fls. 33 do L.º 1241 do notário de Lisboa dr. Maia Mendes, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º—Adopta para todos os seus actos e contratos a firma "Santos & Araújo, Limitada", tem sede em Lisboa, estabelecimento na R. Garrett, n.º 49 e 51, e duração indeterminada, e o seu começo reporta-se a 1 de Setembro de 1924.

2.º—Tem por objecto a compra e venda de máquinas de costura e seus acessórios, e de todos os artigos que as mesmas forem aplicados ou aplicáveis, podendo porém explorar qualquer outro ramo de negócio em que os sócios concordem, excepto o bancário.

3.º—O capital social é de 70.000\$00, está integralmente realizado, e corresponde à soma das cotas, que são as seguintes:—José Farinha de Araújo, 20.000\$00; D. Cândida das Dores Abreu Martins, 20.000\$00; —Manuel António de Castro, 20.000\$00; —Francisco José Dinis, 10.000\$00.

§ 1.º—A cota do sócio Araújo acha-se representada pelo activo e passivo da dissolvida sociedade "Santos & Araújo", de que fazia parte como sócio, e que trás para a presente sociedade e nela põe em comum.

§ 2.º—A cota de D. Cândida é constituída pelo crédito comercial de igual quantia que a mesma senhora tinha contra a referida sociedade "Santos & Araújo", e do qual, por isso, dão quitação.

§ 3.º—As outras 2 cotas foram realizadas em dinheiro, que deu entrada na caixa social.

4.º—A sociedade será representada, em juiz e fora d'ele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, pois todos ficam sendo gerentes, sem retribuição, e com dispensa de caução.

5.º—O uso social é o civil, e em cada um haverá balanço geral, referido ao último dia d'ele, devendo estar concluído e assinado dentro de 60 dias a contar da sua data.

6.º—Os ganhos e perdas apurados em cada balanço serão divididos entre todos os sócios, na proporção das suas cotas, deduzindo-se, porém, daqueles, cinco por cento para o fundo de reserva legal.

7.º—Os gerentes apenas poderão usar a firma em negócios e operações reais da sociedade, sendo-lhes absolutamente vedado o seu emprego em abonações, fianças, lettras de favor, e quaisquer outras responsabilidades semelhantes.

8.º—É livremente permitida a cessão de cotas a favor de sócios. A favor porém de outrem só será possível com prévio consentimento da sociedade e dos sócios, que ficará assegurado, aquela em 1.º lugar, e a estes ou qualquer deles em 2.º lugar, o direito de opção e preferência, para o que bastará que pag

# A BATALHA

Da completa transformação da sociedade actual esperamos a emancipação operária e a libertação da humanidade

Um conflito inédito entre armadores e marítimos de Olhão, contra um princípio imoral

"A Batalha" ouve um camarada chegado daquela vila

Pelas cartas do nosso sócio correspondente em Olhão, conhecem os leitores de *A Batalha* da existência dum conflito naquela vila, entre armadores e marítimos. Falava por menorizar o assunto, descrevendo os seus antecedentes para que houvesse uma ideia nítida do litígio que se agravou nos últimos dias.

Um camarada chegado a Lisboa pôde satisfaçar essa curiosidade, iniciando a sua exposição da forma seguinte:

—É difícil fazer compreender com uma singela explicação as determinantes do conflito entre armadores e marítimos de Olhão. Mas vou procurar fazer-me compreender.

"Antes do conflito, os marítimos para irem ao mar necessitavam apenas de matricular-se. Não existiam outras bases de contacto para poderem viver do produto da pesca, visto não haver soldada pela tração do esforço dispensado."

—E de que viviam então? — perguntámos.

—Aqui é que principia a origem do conflito, atalhou o nosso entrevistado. Os passageiros, em troca do seu trabalho, isto é, da pesca que conseguiam, não recebiam nenhum valor monetário. Uma vez chegado ao ponto da partida, o mestre, quando havia pescado, declarava para a tripulação: "Apanha".

O nosso interlocutor, em presença do nosso espanto, suspende a sua narração. Depois prossegue:

—"Apanha" consiste no seguinte: quando o mestre dá aquela grito, chamemos-lhe de guerra, tóda a tripulação se lança sobre o pescado, e quem tiver mais astúcia e agilidade melhor quinhão apanha, que é como quem diz: melhor proveito tira da viagem que fez.

—E essa apenas a retribuição do seu esforço? — fizemos.

—Simplemente, não há outra. Mas escute, diz-nos o nosso amigo: por este "tratado" há marítimos que levam forte porção enquanto outros têm que conformar-se com o que fica. Com este pescado, que é denominado "roubo", os marítimos governam a sua vida.

O pior, prossegue sempre o nosso amigo, é que, quando estão em terra, a guarda fiscal apreende-lhes o "roubo" e ainda os prende ou multa.

—De forma que o "roubo" passa a ser roubo...

—Assim sucede, na maioria dos casos. E note que os armadores viviam plenamente satisfeitos com essa retribuição de trabalho e atitude da guarda fiscal que, digamos em parenteses, os devia favorecer...

—Dá-lhe, porém, os marítimos reconheceram quanto de imoral isso representava e quais os prejuízos lhes acarretava. Resolveram só voltar ao mar quando fosse estabelecido um salário pelo esforço que dispendiam. Os armadores, convintos com o comércio, resistiram aos homens do mar, porque lhes convinha a situação anterior.

—Surgiu imediatamente a greve?

—Nem outro resultado se devia esperar. Os marítimos declararam a greve e nela se têm conservado há alguns dias, a pesar de todos os prejuízos que está causando ao comércio.

—Depois, outros factos se tiveram vivido que bem vinculam o carácter dos armadores, como se pode verificar na correspondência vinda daquela vila. Ultimamente, o comércio de mãos dadas com os armadores exige do delegado do governo a imediata expulsão dos delegados da Federação Marítima que ali estão para solucionar o conflito. O sargento de guarda republicano afirma arrogantemente que qualquer dia queima os miolos àqueles delegados.

—E não há quem consiga fazer terminar tão delicada situação?

—Parece que não. Os organismos locais juntam os seus protestos, por os armadores não quererem reconhecer o sindicato dos marítimos.

—O delegado do governo é incompetente para resolver o caso e com o adiamento dos anúncios ninguém sabe para onde deslizará este caso. Duma coisa me apercebi eu: E de que os marítimos querendo fazer terminar o "roubo", para não ratificarem outro roubo lutarão até morrer?

—Um cordial aperto de mão pumba fim à entrevista, ficando nós concordando sobre a sorte daqueles homens que os armadores tentam espinhar.

—A confirmar as informações do nosso amigo que concedeu a entrevista que acaba de ser lida, recebemos de Olhão, ontem, a noite, o telegrama seguinte:

—Sófadores reunidos no seu sindicato protestam energeticamente contra a atitude dos armadores em não reconhecerem o sindicato marítimo. — Virgílio Tavares.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: "Abnegación" de J. Sanjurjo. Preço: \$50 — Pedidos à administração de *A Batalha*.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

## A Voz do Operário segundo resoluções da sua assemblea geral, contribuirá para o êxito da "Semana da Criança"

Voltou a reunir anteontem a assemblea geral desta colectividade para continuação dos trabalhos suspensos na anterior assemblea. A acta é aprovada depois de sobre a mesma fazerem algumas considerações. José Rodrigues Cassão e Fernando Sul. A seguir e em negócio urgente, Eduardo Jorge refere-se a um facto de que teve conhecimento e passado na última assemblea. Um sócio dos efectivos penetrou dentro do gabinete da C. A., onde tinha o seu sobretudo e de dentro do mesmo sacou um cavalo marinho, o que ele orador supõe que seria para agredir alguém da assembleia. Esse facto segundo também lhe consta, foi cometido por alguém que se desfazia de parte dos corpos gerentes. Contra esse facto lavra o seu mais energético protesto, confiando de que o tal caso se não repetiria. Gostaria de conhecer a creature que o cavalo marinho queria fazer uso. Deseja explicações do caso, de algum dos membros dos corpos gerentes. A haver o silêncio sobre esse grave assunto, terá que aconselhar aos associados que vão armados para as assembleias, o que ele orador gostaria de evitar. Aproveita o estar no uso da palavra e diz: a presidência, que visto existir já efeito pela C. A. cessante o registo de sócios efectivos e auxiliares, o mesmo estaria patente, afim de se saber se todos os presentes e que intervieram na discussão, estão no gôs dos seus direitos para o poder fazer.

Sobre o assunto falam João Rodrigues Cassão, e Francisco Antunes, que se manifestam de acordo com a exposição do orador antecedente e reprovando igualmente a atitude do sócio em questão, protestos estes secundados pela grande maioria da assembleia.

Um membro da C. A. dá explicações dizendo nada conhecer sobre o caso que se discute.

Novamente Eduardo Jorge se refere ao dito dizendo não lhe satisfazer a explicação do membro da C. A. e que supõe que os restantes membros conhecendo a questão, não se querem pronunciar por qualquer razão que ele desconhece.

Ainda usa da palavra Fernando Gomes, que diz conhecer a creature em que se fala que não foi ao gabinete da C. A. a buscar um cavalo marinho, mas sim bengala para esse indivíduo da C. A. era com o intuito de pegar no sobretudo e retirar-se em virtude do tumulto que por essa ocasião havia na assembleia, o que se não verificou — conselho de alguém dos corpos gerentes, visto que o tumulto já havia serenado.

—Simplemente, não há outra. Mas escute, diz-nos o nosso amigo: por este "tratado" há marítimos que levam forte porção enquanto outros têm que conformar-se com o que fica. Com este pescado, que é denominado "roubo", os marítimos governam a sua vida.

O pior, prossegue sempre o nosso amigo, é que, quando estão em terra, a guarda fiscal apreende-lhes o "roubo" e ainda os prende ou multa.

—De forma que o "roubo" passa a ser roubo...

—Assim sucede, na maioria dos casos. E note que os armadores viviam plenamente satisfeitos com essa retribuição de trabalho e atitude da guarda fiscal que, digamos em parenteses, os devia favorecer...

—Dá-lhe, porém, os marítimos reconheceram quanto de imoral isso representava e quais os prejuízos lhes acarretava. Resolveram só voltar ao mar quando fosse estabelecido um salário pelo esforço que dispendiam. Os armadores, convintos com o comércio, resistiram aos homens do mar, porque lhes convinha a situação anterior.

—Surgiu imediatamente a greve?

—Nem outro resultado se devia esperar. Os marítimos declararam a greve e nela se têm conservado há alguns dias, a pesar de todos os prejuízos que está causando ao comércio.

—Depois, outros factos se tiveram vivido que bem vinculam o carácter dos armadores, como se pode verificar na correspondência vinda daquela vila. Ultimamente, o comércio de mãos dadas com os armadores exige do delegado do governo a imediata expulsão dos delegados da Federação Marítima que ali estão para solucionar o conflito. O sargento de guarda republicano afirma arrogantemente que qualquer dia queima os miolos àqueles delegados.

—E não há quem consiga fazer terminar tão delicada situação?

—Parece que não. Os organismos locais juntam os seus protestos, por os armadores não quererem reconhecer o sindicato dos marítimos.

—O delegado do governo é incompetente para resolver o caso e com o adiamento dos anúncios ninguém sabe para onde deslizará este caso. Duma coisa me apercebi eu: E de que os marítimos querendo fazer terminar o "roubo", para não ratificarem outro roubo lutarão até morrer?

—Um cordial aperto de mão pumba fim à entrevista, ficando nós concordando sobre a sorte daqueles homens que os armadores tentam espinhar.

—A confirmar as informações do nosso amigo que concedeu a entrevista que acaba de ser lida, recebemos de Olhão, ontem, a noite, o telegrama seguinte:

—Sófadores reunidos no seu sindicato protestam energeticamente contra a atitude dos armadores em não reconhecerem o sindicato marítimo. — Virgílio Tavares.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: "Abnegación" de J. Sanjurjo.

Preço: \$50 — Pedidos à administração de *A Batalha*.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Extracto do romance histórico por Eugénio Sá "Os Mistérios do Povo" que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não dev